

O encontro da fissura após acesso do dispositivo

por Márcia Moreno

52

Considerando as pertinentes discussões no componente de Filosofia, Arte e Ensino, com foco na linguagem e experiência do fora em Blanchot, Foucault, Deleuze e arte como bloco de sensações, entre outros assuntos, ousarei expor aqui, um breve ensaio sobre a minha poética e a experiência do fora.

Para isso, voltarei um pouco as minhas leituras para chegar ao ponto desejado que é: como eu, enquanto professora artista, trabalho a minha poética sem de fato

ex[por] o meu eu interior, tendo em vista que o fora é o que prevalece?

Início trazendo brevemente sobre as Inteligências pessoais, essa que é evidenciada no ser sensível ao seu tempo. Essa discussão se faz necessária, tendo em vista que foi o propulsor da minha pesquisa, ainda no mestrado – resquícios de minha trajetória.

A teoria de Howard Gardner “Inteligências Múltiplas” (1994), compreende uma concepção de inteligência que incorpora habilidades diversificadas, levando a

adotar a ideia de inteligências múltiplas ou estruturas da mente. Estas, correspondem a distintas competências intelectuais que operam de acordo com seus próprios procedimentos, têm uma história de desenvolvimento própria, e um específico sistema de regras de funcionamento.

Esta concepção simbólico-cultural da inteligência, em suas múltiplas dimensões, está ancorada na gama de sistemas simbólicos construídos ao longo do processo cultural, compreendendo os

sistemas Linguístico, Lógico-Matemático, Musical, Corporal, Espacial, Pessoal (Intra e Interpessoal) e Naturalística. Trato aqui, das pessoais.

As Inteligências Pessoais se relacionam à vida sentimental, com afetos e emoções. São compostas pelas inteligências intra e interpessoal em que, na primeira, ocorre a capacidade de distinguir um sentimento de prazer ou dor altamente complexo e diferenciado. A Inteligência Interpessoal é direcionada para fora, para os outros indivíduos, dispondo da capacidade de

observar e realizar distinções entre os indivíduos quanto aos humores, temperamentos, motivações e intenções. Gardner (1994) comenta que “[...] nenhuma das duas formas de inteligência pode desenvolver-se sem a outra” (p.187). Elas se complementam.



Frustração - Desenho Márcia Moreno, 2013

Para tanto, usamos da arte para externalizar essa concepção simbólico-cultural, sendo ela, uma ficção criada a partir de uma narrativa ou não. A arte apresenta o outro de todos os mundos, aquele ao qual tento esconder, desviar-me.

Como criar a partir da interioridade (que aprisiona), quando a exterioridade possibilita criar? Para Blanchot (2011), “[...] a imagem não é um não ser, mas uma outra possibilidade do ser, sua outra versão. [...] Assim como a imagem é contemporânea

ao objeto, o imaginário também é contemporâneo ao real.” (p. 28) e para muitos, ali fica, no imaginário.

As relações, o exterior, o “fora” me arrebatam, provocam e então, externalizo. Há uma catarse! O desejo de transpor o externo sobressai a todo e qualquer desejo e quando menos se espera, deparo-me com o visual do meu interior materializado sobre um papel. Crio, recombino as ideias e as sensações. O “fora” é digerido. O pensar já é o criar, porém:

Perdoem meus desenhos. Existem por ternura, não por talento. São uma caligrafia para meditar, um gesto no qual procuro imergir para encontrar ideias livres. Quase sempre desenho pela espera ou pelo impasse de um texto. Desenho para escrever. Mostrar, deste modo, as minhas figuras toscas, muito falhas, é sobretudo mostrar uma companhia de toda a vida: a ansiedade de fazer algo surgir. (MÃE, 2018, p. 59)

A escrita (neste caso o desenho), do outro, quando lida/sentida, pode vir a ser o meu

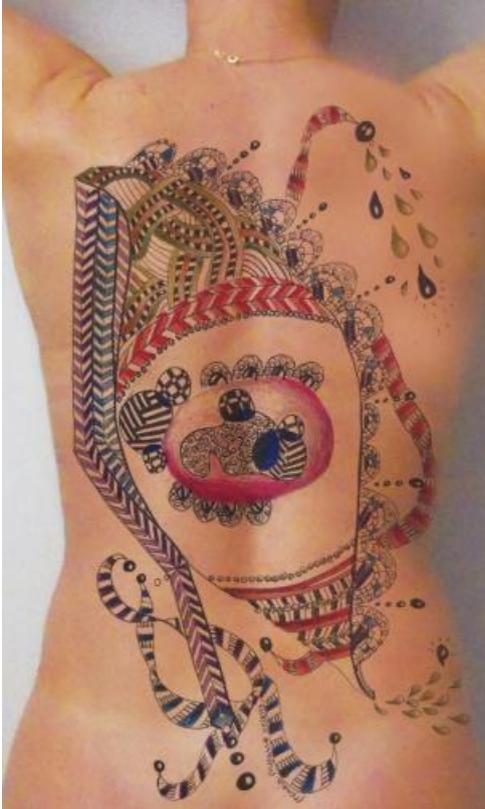
presságio, o não visto, ignorado, ou quem sabe procurado para certificar-me o que sou, o meu eu intocável.

Seleciono para ler aquilo que suponho aproximar-se de mim como algo interessante, mas na verdade é o meu eu tentando escrever/desenhar através da escrita/desenho do outro o que eu não tenho coragem de escrever, apenas coragem em ler o que o outro escreveu/desenhou sobre o meu eu.

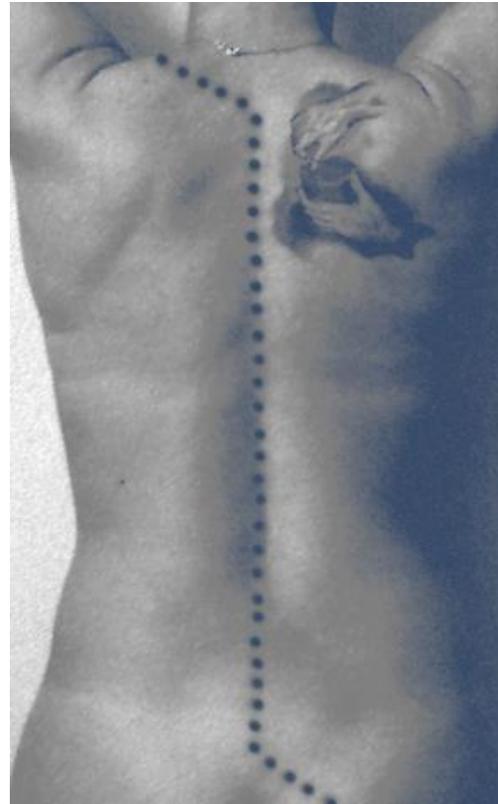


Tentativa II - Desenho Márcia Moreno,
2013

Daí a insignificância das obras feitas para serem lidas- ninguém as lê. Daí o perigo de escrever para os outros, para despertar a palavra dos outros e descobri-los a eles mesmos: é que os outros não querem ouvir suas próprias vozes, mas sim a voz de um outro, uma voz real, profunda, que incomoda como a verdade. (BLANCHOT, 2011, p. 317).



Tentativa I – Técnica mista
Márcia Moreno, 2013



A procura - Técnica mista
Márcia Moreno, 2013

Quando meu eu ouviu/viu o outro, o fora, sendo esses, artistas que vivenciaram experiências e expuseram de maneira que pudessem provocar o externo, esse, possível de acesso ou não, vi-me de maneira intimista e desencorajada, ocorreu o acionamento do dispositivo. Fui capaz de, segundo Blanchot (2011), criar algo a partir da exteriorização do fora, onde pude ter um reencontro e transformar algo pessoal para o fora, para o eu indizível. O indizível quando transborda, é capaz de afrontar o seu interlocutor que, como

emissor faz o pedido e o receptor garante a resposta. O receptor aqui é o suporte, o fora. No entanto, espera-se que o receptor dê uma resposta.

“O artista cria apenas um produto artístico; a obra de arte é o que esse produto faz na e da experiência, e esta depende tanto da pessoa quanto do produto.” (DEWEY, 2010, p.41), então posso afirmar, fui atingida pelo fora (dispositivo), e fico no aguardo desta resposta do fora.

Encontrei a fissura e ali instalei-me numa constante procura do meu desenho como

forma de escrita, de contar algo para aqueles que desejam ouvir uma história que não seja a deles, mas a do outro, a quem não desejo conectar com o meu eu. Busco no outro o que não cabe a mim. Mais suave é quando vejo no outro o meu eu obscuro, o inadequado, o não admissível, o intolerável. O fora é capaz de deliberar o meu eu inatingível.

Referências Bibliográficas:

BLANCHOT, Maurice. **A parte do fogo**. Tradução Ana M. Scherer. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

DEWEY, John. **Arte como Experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

LEVY, Tatiana S. **A experiência do Fora**: Blanchot, Foucault e Deleuze. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

MÃE, Valter H. Mãe. **O Paraíso são os outros**. 2a ed. Rio de Janeiro: Biblioteca azul, 2018.